

Coletânea: *O que é isso, pai, é outra na cidade de Bissau?***Jorge Otinta¹****HEIDEGGER GIGI (HEIDEGGER GUINEENSE)**

Dispus di jubi si fiju na fundu di si ujus, i sai ku es:

Olhando no fundo dos olhos do próprio filho, diz-lhe o pai:

Psikosomatiku

Psicossomático

(Fiju rabida i jubi papé... i pensa ku si kabesa di mininu ku sibi ciu; nos tan i ciu ki ta skirbidu?)

(O filho fitou ao pai. Pensando na sua sabedoria de menino astuto)

- Es mas i kê? Papa kê i utru nubdadi más na Bissau?

- *O que é isso, pai, é outra na cidade de Bissau?*

(I ruspundil ku dintis murdidus di raiba)

(Rangendo os dentes, respondeu-lhe, com certa ira)

- Na nundé?

- *Onde?*

(Sin koragen di torna fala pa si papé, i sai tan ku és). Ker ser: kada kin ku disel:

(A tremer dum medo friorento, devolveu ao pai, dizendo-o que cada um tinha os seus problemas)

- Anta, papé di mi, ñu disal pon na psikomesusadu...

(E arrematou: Então, pai, é melhor deixar isto como psicossubtraído)

15 Jan. 2012.

¹ Jorge Otinta, tradutor e poeta. Doutor em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela FFLCH/USP.

SIMINTERU NOBU

Ospital, si ñu na rapada,
i sedu nan gosi
siminteru di almas bibus

NOVO CEMITÉRIO

Veja, se reparares bem, o hospital
transformou-se agora
no cemitério dos vivos, ora!

12 Fev. 2012.

DISSOLUÇÃO

O homem
se esforça
se multiplica,
se autocria escrupulosamente
nas deslocações imaginativas
para a solução do problema fundamental:
restringir-se
a uma negação absoluta.
Uma força
proporcional
o coloca à deriva
Ele, como se fosse uma fantasia,
ou um capricho dissolvente
de um destino mofino.

Apesar do que tenho visto
e imaginado
e pensado
e sentido
e vivido
imagino a minha Bissau
que me mete medo
à vista,
pois, quando a cidade cala
o país chora

Doismilenove
num áspero março estrondoso,
pecaminoso
a seguir-lhe
junho criminoso
abrem-se, em mim, os arsenais
da discórdia
que me conduz
ao rés-do-chão
da história menina
que, sem começar, termina
na chuva de sangue fina.

Meus olhos
ávidos de utopias
contradizem-se
com meus dias ácidos
de tensas ventanias
e de últimas recordações
que o Cais (não) esquece
imolações,
frustrações
lamentos de minha perdição
não fosse a teimosa fé
na *singidura* feição
do meu lopé².

Algumas kassabis³me perseguem
e, paralelamente, algumas saburas⁴⁵ persistem
muitas léguas
a atravessar
quicá, um dia de ternura
há-de vir
se o sonho
assim o convir.

Bissau/Março/2009

² Singidura di lopé, no kriol guineense, significa o nó do pano tradicional usado na cintura pelos homens da tabanka (aldeia).

³ Singidura di lopé, no kriol guineense, significa o nó do pano tradicional usado na cintura pelos homens da tabanka (aldeia).

⁴ Também do kriol, prazeroso, gostoso, o que dá sorte e graça.

⁵ Também do kriol, prazeroso, gostoso, o que dá sorte e graça.

SABIS & KASSABIS⁶⁷

Ruas de utopias
a encarar problemas sérios
ruas de sangue
a zangar-se da coragem
de sempre perder
e o homem
como se fosse uma máscara
diante do espelho

E a companhia silenciosa
dum disfarce
que mistura verdades
e mentiras
cujos amores
debruçam-se em jogos de mentiras
fingidas
em que os sujeitos matam-se
de torturas
nas casas vazias
duma tarde sombria

Mais covarde do que tu, Tita N Ti⁸,
somente
a minha sombra-disfarce
que encostou suas mãos
às minhas costas
comendo
às minhas custas
e, assim, sem jeito, beijo a luz
que doira a cidade
empoeirada
de horas a fio
em pensamentos vãos
à espera de kuntango⁹
ou à espera do siti ku liti
da (minha) mãe-avó
cujo cheiro
atravessa a minha narina

⁶ Graças e desgraças.

⁷ Graças e desgraças.

⁸ N Ti é o nome que os antigos davam à cidade de Bissau. Significa a coisa/patrimônio de que se dispõe. Que dizer “Eu tenho” ou “Eu possuo”. Trata-se da relação de posse, de pertença em relação à cidade de Bissau.

⁹ Kuntango, comida feita a água e sal sem nenhum outro ingrediente ou mafé (molho).

como a rusga da pop
da segunda esquadra

Na alquimia
das minhas cé(d)lulas
de cidadão
ventos que se movem
em direção ao cais
braços de outros transeuntes
que se erguem
entre cajueiros
e mangueiras
e acácias
e prédios coloniais
que trazem para mim,
a partir de fora,
um pouco do sol
da rua
e as águas do Geba
cheiram à suco de veludo
e cabaceira
como se estiverem
a leme
e eu à proa
com o barco
ao largo
em direção às ilhas
no incendiar do sol
que exhibe o riso
da menina do mar,
a sereia malgosada¹⁰!

Não deito fora
as flores
na ondulante maré
do cais,
porque as palavras
que balbuciarei
serão apenas cadáveres
só de palavras
nem aos mortos de 59
nem aos de 63
e nem aos de 98
com os abraços
e afagos

¹⁰ Malgosada, sacralizada, sagrada.

rumorosos da vida
das munições civilizacionais
esgotadas do tuga
que chama
nossos grandes
de turras do engenheiro
nessa nova lava
de onda
de dinheiro
que subtraem
do erário
frustrando
o peso
da tua alegria
causando-te pesares
de tantas madrugadas acordadas, comandante!

Insônias?!
só insônias,
um gosto necrófilo
de lágrima furtiva
como furtiva
é o nosso instante
de sorrir
de ir
e de vir
em entidades
irans daqui
e deuses dacolá
na lisura
das significâncias
que enxertamos em nós
num ódio generoso,
cordial, e, sempre, cínico
do vácuo
do destino atroz
qual o mistério
da caverna
cavernada na Baiana
por causa das mortes
rotineiras
feitas
de seculares injustiças
como se procedêssemos
ao ritual diário
de negras formigas

condenadas
que sabem,
conscientemente,
que serão devoradas
devoradas
em tudo
e no seu todo...

A época
lá se foi,
mas a memória
permanece viva
na *mesma* mentalidade
assoerbada,
assombrando-nos,
penosamente.

O resto
pertence a Ampa¹¹
julgar
já que a História
não o faz
nesta gólgota pessoal
a que estamos mergulhados
nesta via sacra sexual
que nos assola, viciosamente, como o calvário
duma servidão férrea
indeterminada
pelos de fora
como se N Dinguí¹² nos chamássemos
ou kikia¹³ nos denominássemos
a fotografia
do nosso passado
que se presentifica
futurologicamente
nas paredes
de nossas mentes
nuas
a estragar
o nosso ser:
tu, eu e ele!

¹¹ Refiro-me, em homenagem, ao poeta guineense Jorge Ampa Cumelerbo.

¹² N Dinguí, o solitário. Retomo uma personagem do Kikia Matcho, romance do escritor guineense Filinto de Barros.

¹³ Kikia, coruja ou mocho.

Na concreta morte
anunciada de sonhos
dentro do silêncio
roído
na memória
do tempo
e no corpo
do espaço
como numa teia
de nervuras
do real
do devir
do respirar
do silêncio nosso,
sendo-nos, simultaneamente, pós
e plânctons pensantes
sentiendis,
operandis
e faciendis,
essendis, enfim...

A história
dorme
na estória,
acorda
em passadas
e vive
nas nobas
e kafumbans¹⁴¹⁵
se dormirmos
vamos parir
mais monstros
de sinceras lágrimas
assassinas
per omnia saecula saeculorum...

Assim, eu rio
o rio
sorrio
para ele
no frio
de suas margens
um sorriso
sobre suas águas

¹⁴ Notícias e boatos.

¹⁵ Notícias e boatos.

que, sem parar,
desaguam em ti,
Tita N Ti!

O mar
é o útero
da terra
com suas parcas
linhas
humanas
Nossa Senhora
de San Bacil
protegei-nos!
Faça-nos
dar
saltos
da morte
para
os ovários
da vida,
nós, os teus filhos,
n djeñerus
e n djeñadus¹⁶¹⁷!
As algas
do Geba,
protegei
esta terra
N Ti!

São Paulo/Junho/2011

¹⁶ N djeñerus e n djeñadus (são as pessoas que levam a vida ao Deus dará). Ou a mercê da sorte dos outros.

¹⁷ N djeñerus e n djeñadus (são as pessoas que levam a vida ao Deus dará).

AI, POR FAVOR, NÃO CAI

Da sombra de uma ponte em construção

Descem lentamente

As chamas sombrias de uma manhã orvalhada de concretos.